



[Atribuição BB CY 4.0](#)

O “resgate” da masculinidade: uma análise do movimento Legendários

Ana Carolina de Souza Leite Oliveira¹

Marcela Bernardi Barros Caldas²

Ícaro Belém Horta³

Resumo

O presente artigo investiga o grupo Legendários e sua inserção nas dinâmicas sociais contemporâneas, analisando como suas práticas e discursos influenciam processos de construção identitária. Parte-se da compreensão de que as disputas por poder se manifestam tanto por ações concretas quanto por mecanismos simbólicos que atuam na subjetividade dos indivíduos. O estudo busca compreender como o contramovimento articula sua identidade coletiva e mobiliza seus participantes em torno de concepções de masculinidade e espiritualidade. A pesquisa é orientada pela seguinte questão: como se mobiliza o grupo Legendários e quais são as estratégias (des)educativas e comunicacionais que sustentam esse movimento? Para tal, foi analisado, a partir da metodologia de natureza qualitativa, a partir de análise documental e bibliográfica, o ecossistema digital do movimento, incluindo o site oficial, perfis em redes sociais e conteúdos vinculados a hashtags específicas. Os resultados evidenciaram que, embora existam processos educativos em espaços não escolares, eles nem sempre se orientam por perspectivas emancipadoras. Evidenciam-se caminhos para

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: carol2006leite@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: caldasmarcela92@gmail.com.

³ Mestre e Doutorando em Educação (UFMG). Professor Substituto do Departamento de Administração Escolar (DAE) da UFMG. Professor de Geografia da Rede Básica de ensino de Belo Horizonte. E-mail: oracibh@gmail.com.

investigações futuras que explorem a análise das implicações políticas da ocupação do espaço público por esses contramovimentos, especificamente no que tange às tensões entre a laicidade do Estado e a institucionalização de pautas neoconservadoras.

Palavras-chave

Legendários; Contramovimento; Disputas de poder; Masculinidade; Conservadorismo.

7

The “rescue” of masculinity: an analysis of the Legendários movement

Abstract

This article investigates the Legendários group and its integration into contemporary social dynamics, analyzing how its practices and discourses influence processes of identity construction. It proceeds from the understanding that power struggles manifest through both concrete actions and symbolic mechanisms that shape individual subjectivity. The study seeks to understand how this counter-movement articulates its collective identity and mobilizes participants around concepts of masculinity and spirituality. The research is guided by the following question: how does the Legendários group mobilize, and what are the (de)educational and communication strategies underpinning the movement? To this end, a qualitative study was conducted—employing document and literature analysis—to examine the movement’s digital ecosystem, including its official website, social media profiles, and content linked to specific hashtags. The results reveal that, while educational processes do occur in non-school settings, they are not always guided by emancipatory perspectives. The findings point to avenues for future research exploring the political implications of these counter-movements occupying public space, particularly regarding the tensions between the secular nature of the State and the institutionalization of neoconservative agendas.

Keywords

Legendários; Countermovement; Power struggles; Masculinity; Conservatism.

Recebido em: 14/07/2026
Aprovado em: 08/09/2026

Introdução

A disputa por poder na sociedade se apresenta de diversas formas, seja através de ações concretas ou materializadas em discursos e práticas coletivas. Nesta dinâmica, os embates referentes às concepções sobre aspectos da vida cotidiana se colocam, como é o caso das expressões de gênero, do reforço da heteronormatividade e representação da fé.

Nesses embates, destacam-se os Legendários, movimento⁴ surgido na Guatemala em 2015, fundado por Jorge Checho Lopez. O grupo se define como uma organização voltada para a restauração da identidade masculina, utilizando desafios de imersão, como ritos de passagem, para promover uma espiritualidade cristã baseada na disciplina, coragem e liderança. Em linhas gerais, o grupo opera como uma rede global que busca ressignificar o papel do homem na família e na sociedade contemporânea através de uma simbologia de bravura e fraternidade. Neste sentido, há uma necessidade de compreender como tal grupo se mobiliza, quais os seus sujeitos e as dinâmicas e pressupostos.

Desta forma, a presente pesquisa teve como objetivo compreender e analisar a atuação de um grupo específico à luz dos referenciais teóricos das ações coletivas, movimentos sociais e, em especial, contramovimentos. Seleccionamos como objeto o grupo cristão Legendários, que tem chamado atenção por sua forte mobilização, estética de impacto e adesão crescente em diversas comunidades. Buscamos, então, compreender: como se mobiliza o grupo Legendários e quais são as estratégias (des)educativas e comunicacionais que sustentam esse movimento?

Diante disso, este estudo se orienta pela perspectiva de que as ações coletivas constituem espaços complexos de formação, nos quais diferentes projetos de sociedade se expressam, se confrontam e produzem sentidos. Parte-se da ideia de que as estratégias podem agir de forma educativa, mas também na concepção de uma deseducação, terminologia proposta para indicar ações que vão na contramão da lógica de uma educação emancipadora. Ao analisar o caso investigado, busca-se não apenas descrever sua organização e práticas, mas também tensionar seus significados à luz de uma leitura crítica, evidenciando

⁴ Neste artigo utilizaremos por vezes a nomenclatura “movimentos” para se referir aos legendários, porém, destaca-se que não será nomeado como movimentos sociais, apenas a ideia de movimento (agrupamento, grupo). Defende-se a perspectiva de que é um contramovimento, conforme será analisado posteriormente. Ademais, o uso dessa nomenclatura é para tornar a leitura mais fluida.

como determinadas experiências podem tanto produzir aprendizagens quanto reforçar limites e contradições no campo educativo. Assim, a investigação contribui para ampliar o olhar sobre as múltiplas formas de educação presentes na sociedade contemporânea, destacando a importância de analisá-las de maneira situada, crítica e contextualizada.

O grupo pode ser compreendido, de forma mais precisa, como uma organização que surge em resposta a transformações sociais mais amplas, especialmente aquelas relacionadas às mudanças nos papéis de gênero, tais como a emancipação das mulheres e o afastamento dos homens do *lôcus* e do papel de provedor único, buscando reafirmar determinados valores e identidades masculinas que estabelecerá uma visão de masculinidade e dominação.

Abordagem teórico-metodológica

a) Perspectiva metodológica

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza analítica, documental e bibliográfica (Gil, 2002; Cellard, 2008), configurando-se como um estudo de caso exploratório sobre os Legendários. A escolha por essa metodologia fundamenta-se na necessidade de compreender processos sociais, simbólicos e rituais que não podem ser reduzidos a dados quantitativos, focando na percepção de identidades de gênero em contextos de crise (Kimmel, 2011). A pesquisa sintetiza o conhecimento sobre masculinidades e ações coletivas para identificar padrões de comportamento e discursos de dominação.

Além destes elementos, o trabalho fundamenta-se também em autores que discutem a sociologia dos movimentos sociais (Gohn, 2011), a retórica do patrimônio cultural (Gonçalves, 1996) e a Teoria da Reprodução Social (Bhattacharya, 2013, 2017), buscando uma compreensão integrada de como as dimensões de classe e gênero se articulam neste contramovimento⁵. A coleta de dados realizou-se através de uma busca em plataformas digitais, incluindo YouTube, Instagram e TikTok, onde o grupo exerce forte influência, e na análise de materiais de divulgação do próprio movimento. Para tais buscas, foi analisado o ecossistema digital que serve como base de apoio e divulgação para as atividades do grupo, especificamente o site oficial do Legendários, onde são estabelecidas as diretrizes, missões e os fundamentos teológicos da organização.

⁵ A escolha por denominar o Legendários como contramovimento será abordada posteriormente neste trabalho.

Além disso, a pesquisa contemplou a análise do perfil oficial no Instagram, devido ao seu papel central no engajamento visual e na convocação de novos membros, bem como o monitoramento da hashtag #Legendários. O uso dessa hashtag permitiu mapear como os participantes replicam o discurso oficial e constroem uma identidade coletiva por meio de registros de suas experiências pessoais nos desafios propostos. A coleta desses dados seguiu um critério de observação de postagens públicas, focando na interação entre a liderança e seus seguidores, o que possibilitou compreender a disseminação simbólica de seus valores.

A análise dos dados seguiu o procedimento de síntese temática e dialética (Minayo, 2008), buscando não apenas descrever o fenômeno, mas questionar as estruturas econômicas e morais que sustentam a reprodução da masculinidade hegemônica (Connel, 2005). Aspectos éticos foram considerados, assegurando a correta atribuição de autoria e a cautela ao tratar de temas como desigualdade de gênero e ressentimento emocional e moral no contexto contemporâneo. As limitações metodológicas incluem a restrição a fontes secundárias e digitais, que pode sugerir a necessidade de futuras investigações que incorporem relatos diretos de participantes e pesquisadores sociais.

b) Perspectiva teórica

As ações sociais coletivas podem ser compreendidas como práticas de caráter sociopolítico e cultural que estabelecem diferentes formas de organização para que a população expresse suas demandas (Gohn, 2011). Na prática, essas ações adotam estratégias que variam desde mobilizações e marchas até pressões indiretas e o uso de redes sociais. Assim, tais iniciativas não são meras respostas reativas, mas campos de experimentação social que atuam como “fontes de inovação e matrizes geradoras de novos saberes” (Gohn, 2011, p. 333). Para identificar propriamente um movimento social, a literatura destaca três características fundamentais: a posse de uma identidade, a existência de um opositor e a articulação em torno de um projeto de vida e de sociedade.

Nesta perspectiva, utiliza-se da compreensão de que o Legendários não está configurado como um movimento social, mas como um contramovimento. Categoriza-se desta forma a partir da compreensão de que se fundamenta na retórica da perda (Gonçalves, 1996). Diferente de movimentos sociais que buscam a conquista de novos direitos, esse contramovimento se organiza como uma reação às transformações sociais, especialmente a diversidade de gênero, que ganhou força no Brasil a partir dos anos 1980.

Este conceito se justifica porque o grupo não propõe um avanço, mas um retrocesso: um desejo coletivo de retorno a um passado onde a ordem, a autoridade e a segurança seriam garantidas por papéis de gênero rígidos (Cunha, 2025). Eles se mobilizam para resgatar uma normalidade que sentem ter sido perdida para o "identitarismo" ou o "politicamente correto".

No Brasil, a popularidade dos Legendários acontece devido a sua capacidade de se comunicar com sentimentos de insegurança presentes em diversas camadas sociais, transformando o ressentimento em uma tecnologia de poder eleitoral e social.

Os Legendários em Belo Horizonte

A adesão das massas populares a grupos e movimentos religiosos em tempos de crise pode ser compreendida através do que a literatura chama de subsolo material (Arroyo, 2003). As transformações que precarizam a vida, e negam direitos básicos aos sujeitos, geram um processo de desumanização que empurra os indivíduos para formas de mobilização coletiva em busca de dignidade e cuidado. Nesse cenário, a religião frequentemente assume o papel que Karl Marx descreveu como o "ópio do povo". Para Marx, a religião não é apenas uma superstição, mas o "suspiro da criatura oprimida" (Chagas, 2017, p. 145). Ela oferece uma felicidade ilusória e uma compensação ideal para a miséria real, funcionando como um narcótico que, ao mesmo tempo que consola o homem de sua exploração, pode levá-lo à passividade e à resignação diante do status quo.

Os Legendários surgem precisamente nesse vácuo, apresentando-se como uma resposta à "insegurança moral e existencial" produzida pelas crises cíclicas do capital. Criado na Guatemala em 2015 e chegado ao Brasil em 2017, em um momento de profunda polarização política e conservadora, o grupo exemplifica como a religião é acionada para reestabelecer papéis de gênero que são, na verdade, pilares de sustentação da economia. Para além do conforto espiritual, a ênfase na masculinidade viril e na autoridade doméstica atende a uma necessidade funcional: a manutenção da divisão sexual do trabalho, visto que a subordinação imposta às mulheres na esfera reprodutiva atua como uma base material inseparável da manutenção do sistema capitalista como um todo (Bhattacharya, 2013).

Como materialização desse fenômeno, essa organização cristã internacional reúne mais de 190 mil membros sob a premissa de transformar homens, famílias e comunidades (Legendários, 2025). Distanciando-se de formatos tradicionais de culto, o grupo busca reconectar o homem com o que chama de seu “verdadeiro propósito e potência”, por meio de experiências de alto impacto emocional e físico. Sua missão central é expressa em uma declaração de forte apelo simbólico: devolver o herói e o caçador a cada lar. No cenário nacional, essas práticas obtiveram rápida adesão, consolidando diversas capitais e grandes centros urbanos brasileiros como polos estratégicos para a expansão de suas práticas.

A definição do Legendários como ação coletiva reside na sua capacidade de canalizar energias e mobilizar sentimentos de pertencimento (Gohn, 2011) em oposição direta às transformações culturais contemporâneas. Ao analisar a dinâmica dos movimentos sociais, Gohn (2011, p. 336) afirma que eles “expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberte”. No entanto, quando operamos na perspectiva analítica dos contramovimentos, essa fórmula sofre uma inversão reacionária; os Legendários canalizam o ressentimento de homens que percebem as conquistas dos movimentos progressistas como uma forma de opressão.

O grupo se baseia em uma perspectiva teórica e ideológica neoconservadora, que defende o caráter "natural" do gênero e da hierarquia familiar. Essa defesa opera em uma rota de colisão direta com a realidade demográfica nacional, onde os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revelam que, pela primeira vez na história, os lares formados por casais com filhos representam menos da metade das famílias do Brasil (42%) (IBGE, 2025). Como resposta a esse declínio prático da família nuclear, contramovimentos como o Legendários se fortalecem no imaginário social. Valendo-se de um cenário onde cerca de 49% dos brasileiros mantêm um perfil de “alto” conservadorismo, e a oposição a arranjos familiares não tradicionais chega a 47% (IPSOS/IPEC), o grupo aciona discursos que naturalizam os papéis de gênero para tentar reabilitar a liderança do homem e fixar a identidade feminina à esfera do lar.

Sob a perspectiva de Narvaz e Koller (2006), essas prescrições normativas buscam legitimar a crença de que o homem detém o monopólio natural da autoridade e do provimento, empurrando as mulheres para a condição de

trabalhadoras complementares e gerando discursos que culpam aquelas que desafiam a domesticidade compulsória. Esse avanço ideológico está ancorado em segmentos específicos da população que registraram um aumento no conservadorismo em relação a 2023: em uma escala de 0 para totalmente progressista a 1 para totalmente conservador, o índice entre os homens, por exemplo, saltou de 0,681 para 0,688 em 2025 (IPSOS/IPEC, 2025). Essa articulação moral ganha dimensão material quando se compreende que a reabilitação da autoridade masculina no lar funciona como a validação simbólica de uma estrutura hierárquica muito mais ampla.

Longe de cumprir uma função estritamente moral ou religiosa, a rigidez no ambiente doméstico atua como uma engrenagem necessária para alimentar a exploração econômica do capitalismo. Sob a lente da Teoria da Reprodução Social (Bhattacharya, 2013), a estabilidade do sistema exige que os papéis de gênero sejam desempenhados/reproduzidos com rigidez. O capitalismo necessita que o homem venda sua força de trabalho no mercado, enquanto a mulher permanece responsável por restaurar essa mesma força de trabalho diariamente e gerar novas gerações de trabalhadores através da maternidade.

Grupos como os Legendários aparecem como uma tentativa de restabelecer essa ordem hierárquica em uma sociedade em crise, pois o capitalismo precisa dessas relações de poder para externalizar o custo da vida para dentro do lar. Sobre essa conexão intrínseca entre a vida e o mercado, Tithi Bhattacharya (2017) esclarece que as teóricas da reprodução social mostram como a “produção de bens e serviços e a proteção da vida fazem parte de um processo integrado”. Segundo a autora, embora o capitalismo reconheça apenas o trabalho para o mercado como legítimo, a reprodução de seres humanos fora da economia formal constitui o suporte essencial do sistema, sendo produzida a um custo baixíssimo para o capital.

Dessa forma, a onda conservadora utiliza a religião como uma tecnologia de poder (Vital da Cunha, 2025), na qual lideranças mobilizam sentimentos de insegurança para convencer as classes populares de que o resgate da autoridade masculina é a única via para restaurar a ordem social. Os Legendários, ao promoverem a imagem do homem como "herói e caçador", constroem uma masculinidade baseada na dominação e no afastamento do feminino, ignorando que essa estrutura serve para silenciar a luta por direitos.

O que ocorre é uma inversão de causalidade, na qual se argumenta que o aumento da violência e o caos econômico são sintomas do colapso da família tradicional brasileira. Na narrativa do grupo, quando a mulher busca independência, ela estaria abandonando a "proteção" do lar patriarcal, provocando uma desordem que gera violência. Essa manobra discursiva mascara o fato de que a própria hierarquia e exigência de obediência do grupo familiar a figura masculina, típicas das organizações patriarcais, são as engrenagens que naturalizam e legitimam as diversas formas de abusos e exploração, principalmente no ambiente doméstico (Narvaz; Koller, 2006, p. 53).

Portanto, o crescimento desses grupos no Brasil não é um fenômeno isolado, mas uma estratégia política e religiosa que captura o ressentimento popular para promover uma "retrotopia": um desejo de retorno a um passado de dominação masculina que, na prática, vulnerabiliza as mulheres e garante a manutenção das engrenagens do capitalismo (Cunha, 2025).

Os sujeitos e suas perspectivas ideológicas

Os sujeitos do contramovimento Legendários são homens que se apresentam cisgêneros heterossexuais que se percebem como "vítimas" das mudanças sociais e das leis de proteção à mulher, como a Lei Maria da Penha (Santos, 2025). Eles se descrevem frequentemente como trabalhadores vindos de famílias estruturadas, injustiçados por uma sociedade que, segundo sua ótica, demoniza o homem e endeusa a mulher (Venturoza, 2016 apud Santos, 2025). Essa masculinidade ferida busca uma forma de recuperar a honra perdida.

A perspectiva ideológica desses sujeitos é o neoconservadorismo cristão. O grupo utiliza a Bíblia para afirmar que os papéis de gênero são naturais e criados por Deus, opondo-se ferozmente ao feminismo, que chamam de doença ou desvirtuamento. Nesse contexto, a agressividade contra os direitos conquistados pelas mudanças sociais é legitimada por uma suposta superioridade ética; como aponta Butler (2024, p. 13), nesses casos “o ódio é alimentado e racionalizado pela retidão moral, e todas as pessoas prejudicadas e destruídas por movimentos odiosos são apresentadas como as verdadeiras agentes da destruição”.

Ora, essa lógica é tão influente que se reflete na política institucional brasileira através de um ativismo religioso que, conforme analisa Cunha (2025), utiliza a moralidade e a defesa da “família tradicional” como capital político e

moeda de troca em negociações estatais. A sanção de leis municipais como o Dia dos Legendários em Belo Horizonte (Lei 11.876/2025) exemplifica o uso da religião para ocupar o espaço público e promover um verdadeiro retrocesso na laicidade do Estado, impondo uma visão única de família e moralidade.

Como são organizados e mobilizados?

A mobilização dos Legendários não nasce do nada, mas de um profundo sentimento de insegurança e injustiça (Santos, 2025). O que move esses sujeitos é a percepção de que a modernidade e as conquistas dos movimentos sociais provocaram uma desconstrução da autoridade masculina no lar e na sociedade como um todo. Esse ressentimento é transformado em energia de mobilização coletiva sob a promessa de devolver o "herói" a cada família.

Essa busca pelo resgate da figura patriarcal opera através de um processo de mitificação, visto que, conforme o papel tradicional do homem se torna obsoleto, ele passa a ser visto como um ideal inalcançável e sagrado. Compreende-se, portanto, a partir da formulação de Gonçalves (1996, p. 25-26):

[...] é o distanciamento dos objetos no tempo e no espaço que os transforma em "objetos de desejo": objetos "autênticos", que merecem ser buscados resgatados como parte representativa de um patrimônio cultural ou de uma tradição.

Portanto, quanto mais distante a realidade contemporânea está do modelo de "dono do lar" absoluto, mais esse passado é fetichizado como uma "autenticidade" perdida.

O grupo, então, oferece os rituais de força e isolamento em "casas de homens" como o caminho para restaurar essa herança que julgam ter lhes sido roubada. A organização é estratégica, e opera em uma lógica de redes que integra o espaço físico religioso e a infraestrutura digital (Vital da Cunha, 2025). Este é um espaço de sociabilidade, exclusivo para os homens, focado na construção da masculinidade através da dominação e distanciamento do que representa o feminino. A partir das análises, foi possível observar que a realização de suas ações principais ocorre por meio de:

- Experiências de impacto: Trilhas de alto esforço físico que visam testar a resistência e a "testosterona" do homem, sob o argumento de que o contato com a "força primitiva" melhora o sucesso financeiro e o casamento.

- **Pedagogia da Virilidade:** A masculinidade é ensinada como um conjunto de posições de domínio. Nessa lógica, a agressividade é vista como um atributo natural do homem que precisa ser recuperado para que ele volte a ser funcional na sociedade.
- **Plataformas digitais:** Este grupo faz o uso de redes sociais, como o YouTube, como uma porta de acesso. Eles atraem o público com conteúdos gratuitos (como vídeos de reclamações raivosas contra mulheres) para depois direcioná-los à venda de livros, mentorias pagas e comunidades fechadas.
- **Simbologia:** O uso do grito "AHU" (Amor, Honra e Unidade) serve para consolidar a identidade do grupo e o desejo de recuperar a honra masculina perdida.
- **Redes e Unidades Locais:** Se organizam em unidades locais que encontram suporte material e moral em grandes instituições religiosas para expandir suas práticas e influência política.

Ao garantir recursos organizacionais e validação moral, essa estrutura projeta o contramovimento para além das fronteiras religiosas tradicionais, permitindo que a sua retórica dialogue diretamente com as pautas de comunidades seculares virtuais.

Similaridades e aliança com o Movimento Redpill

O movimento Redpill – também compreendido aqui como contramovimento – faz parte de um ecossistema digital maior conhecido como machosfera, que engloba grupos com discursos antifeministas, focados na família nuclear tradicional e que frequentemente apresentam traços de repulsa às mulheres. O termo Redpill é uma metáfora do filme *Matrix*, sugerindo que os homens que aderem a essa ideologia "despertaram para a realidade", na qual acreditam que as mulheres estariam em posição de dominação e os homens seriam as verdadeiras vítimas da sociedade contemporânea (Santos, 2025).

Tanto o movimento Redpill quanto o grupo Legendários compartilham uma base ideológica que busca restaurar uma visão de mundo centrada na autoridade masculina, frequentemente utilizando a argumentação de que a sociedade moderna "castrou" os homens (Santos, 2025). Esse encontro começa na depreciação do papel da mulher, que deixa de ser vista como um indivíduo

com autonomia plena para ser enquadrada em funções estritamente auxiliares ou domésticas.

Eles frequentemente utilizam termos pseudocientíficos, sintagmas ou biológicos⁶ para tentar justificar uma suposta inferioridade emocional ou moral feminina (Santos, 2025). Enquanto isso, os Legendários operam sob uma lógica de complementaridade que, na prática, subordina a vontade da mulher à liderança do marido ou da figura patriarcal, tratando a igualdade de gênero como uma ameaça à ordem natural das coisas.

Essa visão de mundo é amplamente alimentada por ecossistemas digitais que dependem da disseminação de desinformação. O apelo visual e emocional de vídeos curtos, cortes de podcasts e depoimentos editados é fundamental para ambos os grupos, pois permite a propagação de dados distorcidos sobre divórcio, psicologia evolutiva e até mesmo falsas estatísticas de violência. Nesses conteúdos, o tema é escolhido em favor de uma narrativa de vitimização masculina, onde o homem é apresentado como o verdadeiro oprimido por um sistema progressista.

Um exemplo emblemático dessa dinâmica no Brasil é o influenciador e coach Thiago Schutz, apontado como um dos principais porta-vozes do contramovimento Redpill no país. Schutz consolidou sua audiência através de conteúdos que defendem uma suposta supremacia masculina e a subordinação feminina, frequentemente recorrendo a argumentos pseudobiológicos para justificar as diferenças de gênero. Em seus pronunciamentos, é recorrente a tese de que leis de proteção à mulher, como a Lei Maria da Penha, são sistematicamente instrumentalizadas por mulheres “mal-intencionadas” para aniquilar a vida de homens inocentes.

Ironicamente, o discurso de Schutz sobre a perseguição judicial contra homens colidiu com a realidade em dezembro de 2025, quando o influenciador foi detido no interior de São Paulo após ser denunciado por sua então namorada por crimes de agressão e tentativa de estupro (G1 Sorocaba e Jundiaí, 2025). Este episódio ilustra o que a literatura sobre pânicos morais e masculinidades (Butler,

⁶ O léxico Redpill se apropria de termos da biologia e da psicologia evolutiva de forma distorcida para naturalizar e justificar hierarquias sociais. Exemplos comuns incluem o uso de termos como “hipergamia” (para insinuar que mulheres buscam parceiros apenas por interesse financeiro ou status), “valor de mercado sexual” (para ranquear mulheres com base na idade e beleza) e a dicotomia “alpha/beta” (para classificar homens socialmente dominantes ou submissos). Como aponta Santos (2025), esses sintagmas buscam conferir uma aura de autoridade científica a discursos que buscam justificar a repulsa e a exclusão feminina dos espaços.

2024; Santos, 2025) descreve como a externalização de medos: enquanto o discurso público do influenciador focava no risco das "falsas denúncias", operando como uma inversão onde o agressor se diz vítima, suas ações privadas refletiam exatamente a violência que a legislação busca combater. A prisão de Thiago Schutz sob a acusação de violência doméstica evidencia a contradição central desses grupos, os quais mobilizam uma suposta "defesa da honra" para mascarar práticas de dominação e abuso.

Assim, é criada uma bolha onde o medo e a raiva são usados para fidelizar o público e validar comportamentos agressivos ou segregacionistas. Como observa Butler (2024), essa mobilização opera através de uma “sintaxe inflamada”, que provoca pânicos morais sob a ideia de que o gênero é um mal a ser combatido. Para a autora, o compromisso com a erradicação do gênero nasce de medos profundos de que a instituição familiar seja destruída e de que o “homem” seja derrubado, projetando um cenário de totalitarismo para justificar o que ela define como:

[...] medos sentidos profundamente pelas pessoas que se comprometeram com a erradicação do gênero – da palavra, do conceito, do campo acadêmico e dos vários movimentos sociais que ele passou a representar. Esses medos são, como sugiro aqui, agrupados em uma sintaxe inflamada (Butler, 2024, p. 22).

Dessa forma, a agressividade observada nesses ecossistemas não é um subproduto accidental, mas uma reação defensiva contra uma ameaça fantasmagórica (Butler, 2024). Ao transformar o gênero em um “bicho-papão” capaz de aniquilar a identidade masculina, esses movimentos conseguem converter o ressentimento em uma missão, onde a segregação e o controle tornam-se as únicas opções para “impedir o mal”.

Por fim, a religião atua como o véu ético que justifica e santifica essas posturas. Nos Legendários, isso é explícito através de uma interpretação fundamentalista de textos bíblicos que reforçam o patriarcado como uma instituição divina, utilizando passagens como a de Efésios 5:22-24:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.

Já em muitos setores do contramovimento Redpill, mesmo quando não há uma justificativa religiosa direta, observa-se o uso de uma moralidade cristã deturpada para validar o controle sobre a sexualidade feminina e a manutenção da hierarquia familiar. Para ambos, a "tradição" não é apenas um estilo de vida, mas um mandamento que torna qualquer tentativa de emancipação feminina um ato de rebeldia contra a própria vontade de Deus ou contra as leis imutáveis da natureza, unindo o dogma religioso ao ressentimento social.

Essa aliança entre dogma e controle encontra eco na crítica de Marx, onde a religião funciona como uma “expressão ideal” que oculta a verdadeira natureza das relações sociais (Chagas, 2017). Sob essa perspectiva, o sagrado é utilizado para oferecer ao homem uma compensação simbólica, visto que, diante da destituição de seu poder real na esfera política e econômica, esses movimentos lhe outorgam autoridade na esfera doméstica e espiritual. Como aponta Chagas (2017), a religião desvia a consciência da “miséria real” para uma “felicidade ilusória”, onde o homem é convencido de que sua “guerra” não é contra a exploração do sistema, mas contra a modernidade que ameaça seu trono familiar. Assim, o véu religioso atua como um anestésico para o ressentimento masculino, convertendo a servidão feminina em um direito divino, enquanto transforma o homem no guardião de uma hierarquia que o mantém alienado de sua própria emancipação humana.

Análise de conteúdos e práticas do contramovimento Legendários

O contramovimento Legendários utiliza uma linguagem visual marcante para se diferenciar de grupos religiosos tradicionais. Essa estratégia fundamenta-se no fato de que os movimentos sociais constroem representações simbólicas por meio de seus discursos e práticas, criando identidades para grupos que antes estavam dispersos (Gohn, 2011). No caso deste grupo, essa construção de identidade é expressa por meio do uso da cor laranja vibrante em uniformes, que remetem à estética militar ou de resgate, criando um senso de unidade e propósito heroico.

O retiro TOP (*Track Outdoor Potential*), com duração de 72 horas, é vendido não apenas como um evento, mas como um investimento na masculinidade. O valor exorbitante de algumas inscrições, chegando a R\$ 81 mil

(G1, 2025), sinaliza uma exclusividade que mistura fé com um status de elite, onde o "potencial" do homem é mensurado também pelo seu poder aquisitivo.

O pacto de silencia e validação por influenciadores

Um dos pilares do TOP consiste na proibição total de dispositivos eletrônicos (celulares, gravadores, etc). Essa imposição do sigilo cumpre uma dupla função estratégica, pois, ao mesmo tempo em que constitui uma “comunidade de iniciados”, unida por uma experiência catártica e de superação física, instrumentaliza um marketing cercado por curiosidade nas redes sociais. Desse modo, a ausência de registros oficiais sobre o processo confere aos relatos dos egressos uma dimensão que potencializa o engajamento e a curiosidade pública.

A busca por intensidade física levada ao extremo e a exposição a limites biológicos, características do treinamento dos Legendários, já resultaram em consequências trágicas, como um acidente fatal registrado durante uma das expedições (G1 MT, 2025). Esse fato é crucial para analisar como o eles lidam com o risco de vida como parte do "amadurecimento" masculino. Apesar disso, a adesão de figuras públicas como o ex-BBB Eliezer, Neymar pai e Tirulipa confere ao grupo uma aura de legitimidade e desejo, transformando um retiro espiritual em um evento para as massas digitais.

Ladies Legendários

Enquanto os homens estão na montanha, as mulheres operam a retaguarda através das Ladies Legendários. Esse suporte é sustentado por um discurso que ressignifica a ausência do marido como um “presente” concedido pela esposa, reforçando, na prática, uma relação de servidão disfarçada de generosidade. Comparações comuns nas redes sociais, como a ideia de que “se as mulheres têm direito a spa, os homens têm direito a montanha”, mascaram a profunda desigualdade de papéis: enquanto o homem parte para um desafio de liderança e guerra espiritual, a mulher permanece confinada ao cenário doméstico e emocional, preparando surpresas e recepções carinhosas.

Essa dinâmica exemplifica a construção do feminino como um suporte existencial para a afirmação do masculino. Ao analisarmos essa estrutura, percebe-se que a legitimação da supremacia do homem sobre a mulher não é um

fenômeno isolado, mas uma construção histórica e teológica que visa transformar o domínio masculino em um direito absoluto. Sobre essa vontade de domínio e a resignação feminina imposta por discursos morais e religiosos, Beauvoir afirma:

Em toda parte e em qualquer época, os homens exibiram a satisfação que tiveram de se sentirem os reis da criação. “Bendito seja Deus nosso Senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher”, dizem os judeus nas suas preces matinais, enquanto suas esposas murmuram com resignação: “Bendito seja o Senhor que me criou segundo a sua vontade”. Entre as mercês que Platão agradecia aos deuses, a maior se lhe afigurava o fato de ter sido criado livre e não escravo e, a seguir, o de ser homem e não mulher. Mas os homens não poderiam gozar plenamente esse privilégio, se não o houvessem considerado alicerçado no absoluto e na eternidade: de sua supremacia procuraram fazer um direito. “Os que fizeram e compilaram as leis, por serem homens, favoreceram seu próprio sexo, e os juristas transformaram as leis em princípios”, diz ainda Poulain de la Barre. Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus designios, como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e Sto. Tomás. Desde a Antiguidade, moralistas e satíricos deleitaram-se com pintar o quadro das fraquezas femininas (Beauvoir, 1970, p. 16 apud Cargnelutti; Alós, 2019, p. 6).

A partir dessa premissa, percebe-se que as práticas das Ladies Legendários não são meras demonstrações de afeto, mas rituais que reafirmam a mulher como o suporte de uma identidade masculina que se pretende soberana. Ao esperá-lo com celebrações, a mulher valida a jornada do homem como o evento central e "divino", enquanto sua própria posição é reduzida à aceitação de um papel subalterno, consolidando uma hierarquia onde a servidão é apresentada como a expressão máxima de virtude cristã.

A dinâmica das Ladies Legendários, assim como o contexto de criação dos Legendários, não acontece como um caso isolado, mas dialoga diretamente com o fenômeno digital das *tradwives*⁷. Como aponta a reportagem "Tradwives e a Performance da Feminilidade Conservadora" do Le Monde Diplomatique Brasil (2025), este grupo promove uma estética de "feminilidade ideal" que busca resgatar os valores domésticos dos anos 50, apresentando a submissão ao marido não como uma opressão, mas como uma escolha consciente e virtuosa.

⁷ O movimento das *tradwives* constitui um movimento digital crescente que promove o retorno a papéis de gênero conservadores. Através de uma performance de feminilidade idealizada, essas mulheres difundem um estilo de vida centrado na dedicação exclusiva à esfera doméstica e na submissão à autoridade masculina.

Ao utilizarem hashtags como #EsposaFeliz, as apoiadoras dos Legendários mimetizam essa performance. O que está em jogo aqui é a transformação da subordinação em um produto de consumo desejável. A estética visual de submissão (Le Monde Diplomatique, 2025), que nas Ladies Legendários se manifesta na preparação de mimos e recepções festivas para os maridos, serve para "suavizar" e legitimar agendas profundamente conservadoras, glamourizando a desigualdade de gênero. Sob a lente da Teoria da Reprodução Social, esse comportamento mascara o fato de que a produção de seres humanos e o suporte emocional doméstico são "o pré-requisito para a produção das coisas", embora essa relação seja obscurecida pelo capital para manter o trabalho feminino como um suporte invisível e não remunerado (Bhattacharya, 2013).

A mensagem transmitida é a de que a harmonia familiar só é possível quando a mulher aceita o papel de coadjuvante. Assim, as Ladies Legendários e as *tradwives* não estão apenas "esperando os seus maridos", elas estão a atuar como agentes de uma agenda conservadora que ensina que a máxima realização feminina reside na abdicação da sua própria autonomia em prol da "missão" masculina.

Estratégias de restauração da masculinidade

Entender as estratégias para o projeto de construção de um currículo voltado ao resgate da masculinidade exige uma perspectiva ampliada, que reconheça que a formação dos sujeitos não se restringe ao espaço formal das salas de aula, ocorrendo de maneira orgânica por meio de diálogos, convivência e ações cotidianas. No âmbito do Legendários, identifica-se uma estrutura pedagógica intencional e explícita que promove a reeducação do comportamento masculino sob o viés de discursos bíblicos. Esse contramovimento estabelece o que se pode compreender como um currículo específico, que visa moldar um caráter sintetizado no lema de ser "inquebrável diante do pecado, mas quebrantado diante de Deus" (Legendários, 2025).

Ao analisar essa estrutura, percebe-se que o currículo desse contramovimento opera como um dispositivo de poder que não apenas transmite ensinamentos, mas busca produzir um tipo específico de subjetividade. Para Paraíso (2016), o currículo é um campo de disputa onde se cruzam relações de saber e poder, sendo utilizado por grupos reacionários como estratégia para "governar os diferentes" e reafirmar identidades fixas diante de mudanças

sociais. No caso dos Legendários, o debate central não propõe uma masculinidade em construção, mas sim o resgate de uma essência “natural” que a modernidade teria sufocado. Esse currículo atua, portanto, como uma ferramenta de controle que prescreve o que deve ser aprendido e sentido, exigindo que o sujeito reassuma um “verdadeiro propósito” na hierarquia familiar.

A estrutura educativa dos Legendários integra ocupações físicas e digitais. O apoio de instituições religiosas garante ao grupo validação institucional e projeção política. Nas redes sociais, a articulação de conteúdos virais promove a disseminação simbólica de discursos que naturalizam a autoridade masculina, essa prática molda percepções sociais ao apresentar papéis de gênero rígidos como uma essência natural e desejável. O processo culmina na imersão do retiro TOP, trata-se de um laboratório de choque que utiliza o isolamento e o esforço físico para consolidar rapidamente os dogmas do grupo.

A perspectiva ética e moral é a espinha dorsal que sustenta cada detalhe desse contramovimento. A moralidade do grupo é construída sobre uma hierarquia de valores onde a autoridade masculina é o eixo central da ordem social. Do ponto de vista ético, o contramovimento educa seus membros para acreditarem que a “cura” para a desordem do mundo, traduzida em índices de violência elevados e crises institucionais, reside na submissão à vontade divina, que teria estabelecido o homem como o líder provedor inquestionável.

Segundo a Teoria da Reprodução Social, essa ética cumpre uma função política e econômica essencial, na medida em que a socialização do homem como chefe e da mulher como suporte invisível gera a base moral necessária para justificar a divisão desigual do trabalho (Bhattacharya, 2013). Assim, esse processo retira o caráter político da opressão de gênero, transformando o controle social e a exploração do trabalho doméstico em “missões” essenciais para a reposição da ordem e da força de trabalho no sistema capitalista.

Considerações finais

A análise desse grupo evidenciou que, embora existam processos educativos em espaços não escolares, eles nem sempre se orientam por perspectivas emancipadoras. No caso dos Legendários, observa-se a reprodução de discursos e práticas que podem reforçar visões tradicionais e, por vezes, limitadoras sobre gênero e sociedade, tensionando princípios defendidos por autores do campo da pedagogia e dos movimentos sociais, como Paulo Freire e

Miguel Arroyo, que valorizam uma educação crítica, plural e transformadora. Dessa reforma, reforça-se que tal grupo age com práticas que visam deseducar, isto é, buscam agir de forma dificultar a emancipação e libertação dos sujeitos.

Dessa forma, o trabalho também possibilitou refletir sobre os limites e contradições presentes em determinadas ações coletivas, ampliando a compreensão de que nem toda prática educativa contribui necessariamente para a emancipação social. Nesse sentido, compreende-se que a disputa por poder na sociedade se apresenta de diversas formas, seja através de ações concretas ou de dispositivos simbólicos que operam na manutenção de hegemonias e na construção das subjetividades masculinas. Essa perspectiva analítica revela-se bastante pertinente ao desvelar como o movimento Legendários articula seus ritos de passagem e desafios como respostas a um contexto de transformações sociais, buscando consolidar uma identidade que, muitas vezes, se choca com a busca pela pluralidade democrática.

Portanto, a investigação destaca a urgência de observar criticamente esses espaços de educação não formal, garantindo que o debate sobre gênero e poder não seja capturado por discursos que limitem a alteridade e a emancipação plena. Nesse horizonte, abrem-se caminhos para investigações futuras que explorem a análise das implicações políticas da ocupação do espaço público por esses contramovimentos, especificamente no que tange às tensões entre a laicidade do Estado e a institucionalização de pautas neoconservadoras. Por fim, estudos longitudinais poderiam investigar como a Teoria da Reprodução Social se materializa nas dinâmicas cotidianas das famílias impactadas por esses ritos, observando se a reafirmação da autoridade masculina altera as estruturas de divisão do trabalho doméstico e a autonomia das mulheres inseridas nesse subsolo material.

Referências

ARROYO, M. G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos movimentos sociais? **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan./jun. 2003.

BELO HORIZONTE. **Lei nº 11.876, de 16 de julho de 2025**. Altera a Lei nº 11.397/22, que consolida legislação que institui datas comemorativas no Município. 2025. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-legislacao/lei/11876/2025>. Acesso em: 30 maio 2026.

BHATTACHARYA, T. **O que é a teoria da reprodução social?** Socialist Worker, [S. l.], 10 set. 2013.

BHATTACHARYA, T. **Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression**. London: Pluto Press, 2017.

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?: um fantasma que assombra o mundo**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CABRAL, I. T.; OLIVEIRA, M. F. **Tradwives e a performance da feminilidade conservadora**. *Le Monde Diplomatique Brasil*, [S. l.], 12 dez. 2025. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/tradwives-e-a-performance-da-feminilidade-conservadora/>. Acesso em: 1 abr. 2026.

CARGNELUTTI, C. M.; ALÓS, A. P. A mulher como o outro: uma história de deslegitimação e silenciamento. **Linguagens & Cidadania**, v. 21, n. esp., p. 1-19, jan./dez. 2019.

CELLARD, A. Análise documental. In: POUPART, J. et. al. (Orgs.). **A Pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CHAGAS, E. F. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017.

CUNHA, C. V. Religião, masculinidade viril e retórica da perda na política brasileira pós-Bolsonaro. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, e450304, 2025.

G1 MT. PARTICIPANTE do grupo Legendários morre após passar mal durante trilha em MT. **G1**, Mato Grosso, 30 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2025/06/30/participante-do-grupo-legendarios-morre-apos-passar-mal-durante-trilha-em-mt.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2026.

G1 SOROCABA E JUNDIAÍ. COACH e influencer: veja quem é Thiago Schutz, homem que foi detido no interior de SP após denúncia de agressão contra namorada. **G1**, Sorocaba e Jundiaí, 1 dez. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2025/12/01/coach-e-influencer-veja-quem-e-thiago-schutz-homem-que-foi-detido-no-interior-de-sp-apos-denuncia-de-agressao-contr-namorada.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2026.

G1. LEGENDÁRIOS: por que homens pagam até R\$ 8,1 mil para subir montanha e melhorar casamento. **G1**, 8 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/04/08/legendarios-por-que-homens-pagam-ate-r-81-mil-para-subir-montanha-e-melhorar-casamento.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2026.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio/ago. 2011.

GOMES, P. A. Masculinidades e marxismo: aportes da Teoria da Reprodução Social. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 10º ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 17., 2024, Vitória. **Anais do 10º Encontro Internacional de Política Social e 17º Encontro Nacional de Política Social**. Vitória: UFES, 2024.

IBGE. **Censo 2022**: pela primeira vez, menos da metade das famílias do país são formadas por casais com filhos. Agência de Notícias IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44960-censo-2022-pela-primeira-vez-menos-da-metade-das-familias-do-pais-sao-formadas-por-casais-com-filhos>. Acesso em: 1 jun. 2026.

IPSOS. **Índice de conservadorismo brasileiro 2025**. Pesquisa IPSOS-IPEC. Julho/2025. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/indice-de-conservadorismo-brasileiro-2025>. Acesso em: 1 jun. 2026.

LEGENDÁRIOS. **Legendários**: movimento para transformação de homens. Disponível em: <https://www.loslegendarios.org/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MARTINS, E. R. C. [Resenha de]: GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 01, p. 49-55, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkBPDpL4Xn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 29 mai. 2026.

PARAÍSO, M. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Revista Currículo Sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, set./dez. 2016, p. 388-415.

SANTOS, B. R. O movimento Redpill no Brasil a partir de uma perspectiva de gênero. In: XV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 2025, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2025.